



JORNALISMO ESTUDANTIL DESCOLECIONANDO AS CULTURAS

JOVENS

Francisco das Chagas Alexandre Nunes de Sousa¹

Alexandre Almeida Barbalho²

Este artigo pretende analisar algumas formas contemporâneas de culturas jovens a partir dos conceitos de descoleção e desconexão introduzidos por Nestor Canclini em seus estudos de hibridações culturais. Pretende ainda analisar as interfaces e tensões entre estas duas formações culturais (descolecionadas e desconectadas) e a proposta de cultura pública implícita no jornalismo estudantil promovido pela ONG Comunicação e Cultura através do Projeto Clube do Jornal.

Palavras-chave: mídia alternativa, jornalismo estudantil, culturas jovens.

1. Introdução

“Resoluções de Fim de Ano(...) eu vou(...) aprender a programar o videocassete” (Fielding, 2005: 11-12). Mais que uma decisão anacrônica presa ao imaginário dos meios de comunicação dos anos 1980 e 1990 a sentença acima parece ser uma espécie de epígrafe da juventude contemporânea, como mostraremos ao longo do artigo, que nos ajuda a entender relação destes jovens com o processo de descolecionamento das culturas.

A dona da frase é amplamente conhecida do público adolescente. Estamos falando de Bridget Jones, protagonista do livro “o diário de Bridget Jones” sucesso mundial da escritora inglesa Helen Fielding. A publicação, lançada em 1996, atualmente encontra-se na 24ª edição brasileira, um feito alcançado por poucos livros em tão pouco tempo. O livro é ainda uma bem sucedida adaptação, com título homônimo, para o cinema nos anos 2000. O que lhe rendeu uma continuação, também literária e cinematográfica, “Bridget Jones: no limite da Razão”.

Para além da aparente trivialidade do tema, pretendemos conduzir este artigo sob três aspectos que interpelam a conexão entre o assunto de abertura do diário (o manuseio de um equipamento eletrônico colecionador de informações) e a produção de jornais estudantis nas escolas. São eles: 1. O conceito de descoleção (presente no videocassete, vídeo-clipe e vídeo-game) introduzido por Nestor Canclini como um

¹ Aluno do Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade da UECE.

² Professor do Programa de Pós-graduação e Políticas Públicas e sociedade da UECE.

possível questionador de conservas culturais; 2. A perigosa transformação da descoleção em desconexão de sentidos 3. E finalmente as tensões contemporâneas entre a publicização fragmentária do íntimo (diários virtuais, blogs, fotologs), os recolhimentos promovidos pelo mercado e seus rebatimentos na cultura pública pretendida pelos jornais alternativos estudantis.

2. Descolecionando as culturas jovens

As culturas jovens parecem ser, desde seu surgimento em meados do século XX, uma espécie de termômetro de seu tempo. Não poderia ser diferente neste começo de século XXI uma vez que as abordagens destotalizantes e desconexas da juventude e seus novos caminhos percorridos apontam direções e tendências para além de si mesmas, revelando nuances e perplexidades próprias de nossos dias. É neste sentido que Nestor Canclini (2003) desvela em seu clássico livro *“Culturas híbridas”* a existência de alguns aspectos básicos da cultura contemporânea que destronam a ficção dos supostos mitos das “purezas” e independências culturais. Para ele não é possível compreender as novas relações entre cultura e poder sem analisar três características intrínsecas desta cultura, a saber: o superdesenvolvimento de gêneros artísticos assumidamente “impuros”; a desterritorialização dos processos simbólicos; e o descolecionamento cultural. Embora os três processos se entrecruzem, nos deteremos aqui no que diz respeito à destruição ou reconfiguração das chamadas coleções.

A divisão da criação humana em “gavetas” estanques não é exatamente nova. Todavia, essa prática parece ganhar institucionalidade ao herdar em sua gramática os métodos de análise e classificação análogos aos das ciências naturais dos séculos XVIII e XIX. O que resultou, segundo Canclini (2003) na formulação de classes, ordens e gêneros artísticos e culturais. Conhecer como estes gêneros se organizavam era tido naquele tempo como uma forma de distinção entre os iniciados e aqueles que não sabiam se relacionar com as “peças artísticas” ou mesmo ignoravam suas existências. É o que afirma o escritor argentino quando diz que:

“A formação de coleções especializadas de arte culta e folclore foi na Europa moderna, e mais tarde na América Latina, um dispositivo para organizar os bens simbólicos em grupos separados e hierarquizados. Aos que eram cultos pertenciam certos tipos de quadros, de músicas e de livros, mesmo que não os tivessem em casa, mesmo que fosse mediante o acesso ao museu, salas de concertos ou bibliotecas” (Canclini, 2003: 302).

A cisão entre a chamada cultura letrada e folclórica, mais que denotar uma departamentalização organizacional desinteressada das expressões humanas, estabelecia na verdade uma forma de hierarquização valorativa entre o que cada classe ou grupo social poderia/deveria consumir culturalmente. Logo, se estabelecia um dos momentos

em que o preconceito e a intolerância se travestia de suposta neutralidade científica e erudição.

Não é nossa intenção esgotar esta abordagem neste artigo, mas devemos registrar a influência de Antônio Gramsci no pensar da ruptura desta lógica ao propor a superação tanto das culturas ditas universais (na verdade européias, androcêntricas, brancas e heterossexuais) como também das culturas ligadas aos nacionalismos populistas (puristas e românticas). Gramsci (1991) ainda sobre este tema afirma que cada camada ou grupo social produz sua parcela de intelectuais responsáveis pela disputa da hegemonia cultural e sua organização. A noção de “organização” gramsciana é aqui construída a partir do fenômeno social do “tornar-se orgânico”. Ou seja, das estratégias a partir das quais se elabora e se estabelece vinculações de sentidos e significados eminentemente políticos junto a uma classe ou grupo social e não apenas como um trabalho de catalogação despreziosa.

Fazer uma transposição das categorias gramscianas para o contemporâneo pode ser perigoso e redundar num reducionismo mecanicista ou na clausura do empírico na camisa de força da “teoria”. Neste sentido é válido o alerta de Stuart Hall quando utiliza a metáfora de uma planta para sustentar a argumentação de que: “Para que se possa generaliza-las [as idéias Gramsci] é necessário desenterrá-las delicadamente de seu solo concreto e de sua especificidade histórica e transplantá-las para o novo terreno, com muito cuidado e paciência”(Hall, 2003: 297).

Sabemos que o projeto político de Gramsci deita raízes na elaboração de uma “vontade geral” que pretende constituir uma direção intelectual e moral da sociedade sem todavia desprezar as diferenças (Gramsci, 1991). Esta tarefa seria destinada às instituições que atuam na sociedade civil (associações voluntárias de cultura, artes, ciência, política etc.) e em especial ao “novo príncipe” que seria o elemento para onde convergiria aquela “vontade geral”. Sabemos que em última instância o “novo príncipe”, e nunca esquecendo do contexto da Europa na primeira metade do século XX, era o partido revolucionário. Logo, perguntamo-nos como estão sendo vivenciados os discursos e práticas destas instituições (hoje em especial: das ONGs) que participam da organização da cultura num contexto em que a desorganização, no sentido da descoleção de castas, virou uma bandeira dos movimentos sociais (negro, de mulheres, juventude, *gays*) e em uma realidade onde o “novo príncipe” como organismo convergente foi pulverizado e quase que completamente retirado do horizonte de sentido e de luta?

Para além da atuação dos movimentos sociais, ainda que estes sejam importantes propugnadores de mudanças nas estruturas político-culturais, as descoleções vão se pulverizar como expressão da complexificação dos modos de ser de nossos dias e das limitações que as já citadas divisões em “gavetas” possuem para a compreensão do real. Ainda sobre este aspecto Canclini afirma:

“A agonia das coleções é o sintoma mais claro de como se desvanecem as classificações que distinguem o culto do popular e ambos do massivo. As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis (...) Agora essas coleções renovam sua composição e sua hierarquia com as modas, entrecruzam-se o tempo todo, e, ainda por cima cada usuário pode fazer sua coleção. As tecnologias de reprodução permitem a cada um montar em sua casa um repertório de discos e fitas que combinam o culto e o popular”(2003: 304)

Parece ainda ser o caso da heroína *teen* Bridget Jones, que em seu inventário de intenções de fim de ano, além de querer aprender a descolecionar imagens (via VHS) pretende gravar fitas K7 “que dão ‘clima’ para ficar à mão com as melhores músicas românticas/ para dançar/ excitantes/ feministas etc., em vez de me transformar em uma espécie de DJ bêbada com todas as fitas espalhadas pelo chão”(Fielding, 2005: 12).

Nestes dispositivos eletrônicos as coleções se desfazem e os contextos se desistoricizam. O processo de relativa socialização das mídias vivenciado na América Latina durante os anos 2000 vai substituir aqueles antigos aparelhos pelos gravadores de DVDs, CDs e ainda MP3s, I-pods, etc. Os quais, por sua vez, ganharão uma potencialidade divulgadora nunca vista antes com a ascensão da Internet. Advertimos desde já que nossa postura não é aquela McLuhaniana de que os meios em si são responsáveis pelas transformações, mas que estes, em situações específicas podem ser instrumentos estratégicos de disseminação e disputas tanto por modos de ser alternativos com também para a manutenção dos já estabelecidos. Neste sentido, por exemplo, é inegável a contribuição da internet para o encontro entre os GLBTs e seus pares, uma vez que a rede tem a capacidade de promover interlocuções das mais diversas, desde as mais superficiais até as militantes, sem necessariamente publicizar a personalidade dos indivíduos que, por ventura, não desejam se expor.

Para Canclini o videocassete é eminentemente um descolecionador. Foi ele que possibilitou reunir num mesmo dispositivo desde partidas de futebol, passando por filmes de Ingmar Bergman, até telenovelas. Para nosso autor, o videocassete assemelhou a televisão à biblioteca, uma vez que “reorganiza uma série de opiniões tradicionais ou modernas: entre o nacional e o estrangeiro, o lazer e o trabalho, as notícias e a distração, a política e a ficção”(2005: 305). E além disso este aparelho eletrônico tornou possível a não presença do telespectador na hora da transmissão. Tanto porque ele poderá

programar o equipamento para gravar, como poderá alugar o programa posteriormente em uma vídeo locadora. O surgimento da internet vai ser outro catalisador deste processo tendo em vista que através dos sites de vídeos (livres ou pagos) pode-se encontrar o programa desejado. É o caso do youtube.com, onde qualquer usuário pode inserir ou acessar desde filmagens caseiras até o capítulo da novela do dia anterior.

Na esteira destas transformações encontra-se também o vídeo-clipe, um misturador de imagens, textos e sons sem serem necessariamente uma unidade coesa. Há também a versão interativa dos clipes: os videogames.

A vertiginosa modificação e complexificação destes dispositivos de descoleção por vezes também promovem o enfraquecimento, reconfiguração ou desaparecimento de alguns deles. É o caso da MTV. Sucesso mundial desde 1983 no ramo de transmissão exclusiva de pautas do mercado musical, a sede da emissora no Brasil anunciou em 2007 que a partir daquele ano não transmitiria mais videoclipes. Um dos notórios motivos da decisão seria a baixa audiência, uma vez que a já citada socialização da internet disponibilizou ao telespectador a possibilidade de ver a qualquer momento em um computador (pessoal ou de Lan House) ou ainda no MP4, o videoclipe que desejar. Os videogames também atuam pautando outros dispositivos. Neste caso o que se tem observado é que a estética dos jogos têm cada vez mais influenciado explicita ou veladamente roteiros de cinema, como é o caso de filmes baseados em Jogos como Mortal Kombat e similares.

Ao contrário de Canclini (2003), Herbert McLuhan afirma que o descolecionamento - apesar de não utilizar este termo - não é um fenômeno que data do final do século XX mas tem origem com o advento da imprensa e especialmente do jornal. Sobre o tema, o pensador canadense discorre:

“Muitas pessoas se sentem confusas e infelizes em nossos dias porque percebem que todos os grandes valores do passado estão sendo poluídos, corrompidos e amenizados pelo entretenimento vulgar, pelo entretenimento de massa(...) A dimensão peculiar de um público de massa é que ele é imediato. É um evento como o telégrafo, como o jornal. O jornal é um bom exemplo de evento porque tudo quanto se encontra nele acontece no mesmo momento. A data é o único princípio organizador do jornal. Não há ligação alguma entre as matérias a não ser a data. E, se retirarmos a data de qualquer jornal, teremos um primoroso poema surrealista” (2005: 119-120).

Fizemos questão da citação prolongada para pontuar a complexidade do tema e também para advertir que não concordamos em bloco com McLuhan. A nosso ver o autor empobrece a abordagem quando considera que entre o emissor e o receptor, ou, para utilizar os termos de McLuhan, entre o meio e público de massa, a recepção das mensagens é vertical e sem interferências. Serão os estudos Latinos de Martin-Barbero

(2008) que vão desmistificar essa diretividade e inaugurar a análise das comunicações a partir das mediações (como a competência cultural, a família, o cotidiano e as lógicas de consumo) que transitam e que filtram as informações emitidas no processo de consumo cultural destes produtos. Neste sentido, como já citamos aqui, os meios em si não são as mensagens, mas sim os portadores de signos que disputam no terreno das mediações a hegemonia dos significados sociais.

Feita a ressalva de que não há esse tal “público imediato”, como dito na citação acima, convergimos com as reflexões de McLuhan quando o mesmo afirma que o jornal já aderiu à descoleção de temas antes dos modernos meios de comunicação. Quando analisados sob este ângulo, os jornais alternativos (inclusive os estudantis) passam a ser percebidos não como uma simples reprodução ou caricatura dos modelos de fazer mídia da chamada grande imprensa, ou da imprensa *Teen*, e passamos a compreender que as pautas debatidas na publicação estão intimamente vinculadas às experiências de seus editores adicionadas aos seus anseios, valores e eventuais bandeiras que carregam. Muitas destas bandeiras vinculam-se ao “desengavetamento” (ou desprivatização) de questões afeitas à visibilidade das minorias sejam elas sexuais, étnicas ou geracionais.

O Jornal, independente de alternativo ou comercial, é uma descoleção, ao contrário, por exemplo, da coerência temática que pode ser encontrada nos livros. Este último será uma das “vítimas” do século XX. Por vezes declarado morto, o livro resistiu mas não sobreviveu imune à descoleção promovida pelo advento da fotocópia. Para McLuhan a xerox (num contexto onde ainda não havia computador pessoal e muito menos editor de texto) seria o dispositivo capaz de criação pessoal que cada um disporia para a confecção de seu próprio livro personalizado. Como afirmou o escritor em uma conferência:

“O xérox promoveu uma espécie de revolução no mundo editorial que só aos poucos está sendo sentida. E o será cada vez mais (...) O xérox, ou a xerografia, permite que o leitor se torne editor, e este é um aspecto importante dos circuitos elétricos. Com a imprensa o público tornou-se alheio, não envolvido. Com o circuito elétrico, o leitor, o público, tornou-se envolvido e entra no processo editorial” (2005: 121)

Esta visão de McLuhan sobre os meios tem um fundo de verdade se levarmos em consideração por exemplo, a cultura alternativa que é expressa pela reprodução de fanzines entre os jovens de diversos segmentos sociais, sejam eles Sem Terra, GLBTs, poetas, etc. Todavia mais uma vez salientamos que o fanzine acaba sendo não o criador de mensagens mas um veículo que portará em si as vivências, percepções e experiências históricas de seus produtores.

Canclini (2005) em seu mais recente livro *“Diferentes, desiguais e desconectados”* analisa a conversão das descoleções em desconexões. Estas seriam reconfiguradoras da cultura e da vida cotidiana em dois níveis. Por um lado através da inesgotável abundância de informações e ao mesmo tempo pelo acesso fragmentário e desordenado das mesmas promovidos, dentro outros dispositivos, pela xerox. O escritor, atualmente radicado no México, afirma:

“Em estudos sobre a cultura dos estudantes secundaristas e universitários, aparece a dificuldade que têm para situar épocas do próprio país, presidentes, guerras e revoluções, em períodos históricos precisos. A visão desconectada entre acontecimentos soma-se a fragmentação com que se relacionam com os saberes, inclusive os universitários”(Canclini, 2005: 217).

Este “eterno presente” apesar de ser “vendido” como uma característica das culturas jovens não é sua exclusividade. Em verdade atualmente ele se encontra disseminado em muitas outras esferas da cultura. Seria a “hiper-realidade” do instantâneo uma vez que, segundo Canclini:

“Diante das dificuldades de saber o que fazer com o passado e com o futuro, as culturas jovens [e não somente elas] consagram o presente, consagram-se ao instante. Diálogos simultâneos na internet, viedoclips e musica a todo volume nas discotecas, no carro, na solidão do walkman”(2005: 218).

É neste contexto de descoleções inclusivas e desconexões ilegíveis que surge a proposta de jornalismo estudantil da ONG comunicação e Cultura. O jornal na escola põe para seus idealizadores e pesquisadores as seguintes questões: Qual o local do jornal estudantil impresso em meio a outros poderosos meios eletrônicos que trafegam entre descoleções e desconexões muitas vezes sem o compromisso da crítica da realidade? Quais os limites e as possibilidades do Jornal estudantil na publicização e desconstrução dos comportamentos colecionados sem cair na desconexão que torna a realidade ilegível? Pretendemos desvendar algumas pistas deste processo no próximo ponto.

3. Jornal estudantil descolecionando as normalizações:

Comunicação e Cultura é uma ONG cearense criada em 1987 que atua no campo da mídia alternativa, especificamente no Jornalismo estudantil, com o projeto Clube do Jornal. Presente em 135 escolas do Ceará e em 13 escolas de Pernambuco o projeto mobilizou diretamente em 2007 um total de 639 adolescentes de 45 municípios dos dois estados.

O principal objetivo do projeto é criar um espaço público de interlocução onde o direito de liberdade de expressão e às diferenças sejam exercidos na escola. Pois como afirma Arendt (2001) sem o espaço público de interlocução a liberdade equivale à

liberdade do louco. O jornal estudantil surge como uma proposta através da qual seria possível a interpretação da realidade escolar (e não somente dela) a partir de outro ângulo: o dos adolescentes. Este tipo de jornalismo estaria contribuindo dentro da escola para o aprofundamento da experiência democrática uma vez que esta última seria compreendida como a única forma de lidar com os conflitos como práticas legítimas e sem o uso da violência. Contudo as mediações que permeiam este processo não são poucas nem lineares.

Há risco de ocorrer a já comentada tentativa caricatural de reprodução dos padrões estandardizados presentes nas grandes mídias voltadas ao mercado adolescentes. Este mercado com suas revistas, programas de TV, seriados, etc. parece ser uma força propulsora de novos colecionamentos de comportamentos adolescentes na medida em que:

“o investimento que se faz, ao estabelecer-se uma comunicação com os diferentes públicos, é adentrar a intimidade dos indivíduos, seu prazeres, seus desejos, suas ilusões, seus sonhos, seus medos, os quais são cuidadosamente perscrutados e catalogados através de eficientes pesquisas de mercado” (Fisher, 1998: 426).

Não é à toa o sucesso de Bridget Jones e de seriado como “Confissões de adolescentes” junto a público jovem. Eles tendem a atualizar o princípio da exposição das intimidades e captura de confissões. Na internet esta esfera ganha dimensões hipertróficas através da publicação de diários íntimos virtuais (Blogs, Fotologs) e de uma espécie currículo da vida pessoal em sites de relacionamentos (como Orkut, Gazzag). Se for inegável que estas novas tecnologias propugnam a interação entre públicos diversos é bem verdade também que elas retro-alimentam os discursos dos peritos que analisam, enquadram e cultivam no íntimo da adolescência a dúvida radial: “será que eu sou normal?”.

O adolescente vira objeto de estudo de documentários (*Globo Reporter*), programas de auditório (*Casos de Família, Márcia*), cadernos especiais encartados nos “jornalões” (*Folhateen*), série de reportagens (no *Fantástico*), revistas especializadas (*Capricho, Júnior*). Mas esta adolescência construída nas páginas virtuais e dissecada nas TVs e consultórios médicos não é qualquer adolescência. Como afirma Fisher, neste discurso normalizador atualiza-se o princípio do Outro, do que chamando aqui de “não-nós”:

“Faz-se uma classificação grosseira que coloca num bloco os ‘normais’, isto é, os jovens de classe média urbana, junto a todos aqueles que representam o *showbizz*, o mundo do espetáculo; e, no outro, aqueles que são definitivamente o Diferente, o nosso Outro, aqueles com os quais não há identificação, aqueles que ocupam o espaço da marginalidade ou da falta, e que são incluídos justamente como excluídos”(1998: 429).

Não pretendemos porém, retroceder à análise demonizadora dos Meios de comunicação. Os estudos de Martin-Barbero (2008) são importantes para elucidar a questão de que o massivo fala do popular muitas vezes porque retira dele as informações para jogá-las de volta ao povo. Este discurso de que a Grande Mídia tornaria homogêneo todos os comportamentos e de que os jornais estudantis reproduziriam esta prática irrefletidamente não vai se confirmar quando confrontamos os produtos finais dos estudantes: as edições. Os conteúdos dos jornais vão ser diversificados, contraditórios e às vezes até incoerentes como vemos na matéria a seguir publicada no Informativo GHAMPH – Galera à Mil por Hora:

“Podemos dizer que a TV é uma bomba atômica, camuflada pela sutileza e beleza, que seduz a todos, todos que não tem uma consciência e um raciocínio próprio, e deixa-se assim envenenar-se (sic) pelas drogas que são: violência, homossexualidade (gay, lésbicas), prostituição, sexo desenfreado, abortos, entre outras coisas.” (Alvez, 2004: 01).

A declaração da adolescente demonstra que o conservadorismo não emana do meio de comunicação como se este fosse um demônio em si. Mas vai depender também das mediações estabelecidas para a produção dos bens culturais (neste caso específico o jornal) e sua proposta editorial. A própria autora termina o artigo se questionando “Será que a TV é do “bem” ou é do “mal?”. Nota-se a carga de influência dos preconceitos e maniqueísmos provenientes da eclesiologia romana ao normalizar (ou colecionar) o que seria o Outro, o Desviante, aquele que não vive a sexualidade segundo determinados preceitos estabelecidos arbitrariamente como “normais”. Estas declarações se assemelham às propostas do Senador Republicano Jessé Helms acerca do financiamento público das artes nos EUA:

“None of the funds authorized to be appropriated pursuant to this Act may be used to promote, disseminate, or produce – (1) obscene or indecent material, including but not limited to depictions of sadomasochism, homo-erotism, the exploration of children, or individuals engaged in sex acts; or (2) material which denigrates the objects or beliefs of the adherents of a particular religion or non-religion; or (3) material which denigrates, debases, or reviles a person, group or class of citizens on the basis of race, creed, sex, handicap, age, or national origin” (McGuigan, s/d: 8)

No primeiro tópico o senador deixa clara a equiparação entre as minorias sexuais e a exploração sexual de crianças. Assim como na matéria do informativo GAMPH as sexualidades alternativas aos preceitos cristãos são classificadas como perversões. Porém, sem perceber, no tópico três o político republicano interdita o ponto número um, quando diz que nenhuma política cultural deve promover, disseminar ou produzir materiais que degradem a imagem de cidadão em relação ao sexo. Se compreendermos sexo envolvendo a orientação sexual há uma contradição na proposta de lei. Todavia é

mais provável que aqui o senador esteja se referindo apenas à discriminação do sexo biológico.

Se por um lado o conservadorismo religioso promove a estandardização de comportamentos puritanos, por outro o discurso cientificista, adotado por muitos dos peritos da grande mídia adolescente, vai se valer de outras formas de normalização dos corpos e do cuidado de si como mola mestra de uma vida saudável e feliz (estas receitas não raramente são amalgamadas àquele conservadorismo). Voltemos às angústias de fim de ano de Bridget Jones:

“Eu vou (...) parar de fumar, Tomar no máximo 14 unidades alcoólicas por semana. Reduzir a circunferência das coxas em 7 cm (ou seja, 3,5 cm de cada lado) fazendo uma dieta anticelulite(...) Comer mais legumes (...) Ir à academia três vezes por semana não só para comprar sanduíche(...) Criar uma relação sólida com um adulto responsável” (Fielding, 2005: 12).

Consumidora ávida da mídia jovem, a personagem britânica se obriga a aderir às angustiadas decisões e sacrifícios para se enquadrar no que é divulgado como Beleza. Mais que uma preocupação com a saúde, as reformulações dos hábitos alimentares e do cotidiano doméstico denotam a necessidade de construção de um corpo belo e digno de ser admirado. Para Fisher (1998) este discurso - dito e redito pela mídia comercial voltada ao público *teen* - produz uma outra forma de exclusão. Agora são excluídos não mais apenas os “devassos”, mas os gordos, as belezas distintas dos padrões, os que têm as pernas excessivamente compridas, os seios desenvolvidos, o pênis pequeno, o testículo esquerdo mais baixo que o direito, as espinhas, etc.. E para responder a estes temores sempre haverá à disposição um tipo de mídia jovem que sancionará a verdade do tipo de comportamento que é aceito. Ela age retirando as dúvidas, ou ainda “o medo de ser diferente e mais do que isso, [retira nado o medo] de ser anormal”(Fisher, 1998: 432). Como diz uma personagem nutricionista de um programa humorístico na TV aos sábados à noite, o perito diz: o que pode e o que não pode.

O jornal estudantil corre o risco de reduzir sua proposta político-cultural se detiver a publicização das minorias a partir desta lógica da homogeneização presente nas grandes mídias adolescentes. Citaremos o caso da revista *Júnior*. Lançada no segundo semestre de 2007 e voltada para o público adolescente, a publicação se autointitula como a “Capricho *gay*”³. Contudo, o *gay* que “cabe” nas duas primeiras edições da revista é aquele do eixo Rio – São Paulo, assíduo frequentador de academias e dos

³ Capricho é uma revista feminina adolescente consolidada no mercado editorial brasileiro que segue as principais regras normalizadoras que se fazem presentes nos veículos midiáticos jovens e que foram expostas até aqui.

clubes noturnos mais “descolados”, que viaja constantemente para a Europa e consome as marcas estampados nas páginas de *Júnior*, tais quais: Diesel, Calvin Klein, Cavalera, Herchovitch, dentre outras empresas cujos produtos são adquiridos apenas por classes de alto poder aquisitivos. Há portanto, a recoleção de artefatos e reconfiguração de castas culturais dentro das próprias minorias a partir da lógica de um consumo auto-intitulado de *high level*, onde o “não-nós”, assim como Canclini(2005) definiu, é aquele que não trafega bem pela linguagem destes signos. Aos que desejam e podem se integrar a esta lógica resta se incorporar e adquirir as “senhas” da coleção. Aos que desejam e não podem se integrar resta se resignar no consumo apenas dos anúncios e reportagens como as que abordam a noite gay em Ibiza (Cia, 2007: 126-127). Outro fator de distinção colecional é que a própria revista tem um preço *high level*. Uma vez que valor de “Júnior” é três vezes maior que o de “Capricho”.

Nesta publicação aparecem apenas de forma folclórica as expressões supostamente “residuais” do chamado “mundo gay”. É o caso, por exemplo da “Bicha pão-com-ovo”, didaticamente classificada, numa espécie de simulação de glossário, como: “1. homossexual pobre; 2. Diz-se das bibitas que não têm condições financeiras para comer na rua e levam um pão com ovo para comer na condução, na viagem de volta para casa depois da balada” (Ângelo, 2007: 99). Há ainda no segundo volume da publicação uma matéria sobre o Neo-narcisismo e a crítica à supervalorização do consumo e da riqueza (Nascimento, 2007). Mas a publicação trai a si mesma ao estampar nas suas outras 128 páginas um modelo unívoco de beleza escultural (as chamadas *barbies*) adquirida por gays bem sucedidos, analisados, monogâmicos, viajados, economicamente estáveis e vaidosos. Em uma palavra: “gays normais”.

A proposta do Projeto Clube do Jornal vai na contra mão tanto desta tendência de standardização das minorias (os gays normais) como de sua discriminação (os desviantes). A matéria cheia de preconceitos do informativo GHAMPH aqui citada aparece no conjunto das publicações analisadas como um acontecimento isolado. Em verdade a maioria das publicações apresenta matérias que publicizam questões relativas às especificidades das minorias presentes dentro da própria juventude na escola. Entretanto, aquele texto não deve ser esquecido para que não incorramos no erro de romantizar a mídia alternativa como um instrumento univocamente progressista e sem contradições. Concepção esta presente no mito de que o alternativo possa vir do meio em si mesmo e não das vivências: das mediações (Martin-Barbero, 2008). Também não

devemos esquecer das interlocuções contemporâneas entre os textos midiáticos acerca destas minorias e os textos dos adolescentes.

As mediações que se estabelecem entre o autor e o texto são tão diversas que na edição seguinte do Informativo GAMPH há uma matéria não discriminatória mas ainda problemática que discute os “preconceito e os tabus na família” a partir da realidade vivenciadas pelos jovens:

“Obs: estas expressões. Cozinhar é **coisa** de Mulher. Homem que é Homem não chora. Você concorda com essas expressões? Se a mãe manda seu filho ajudar sua irmã [a] arrumar a casa ele [diz]: eu mesmo não, isto é coisa de mulher. Ou a senhora quer que eu vire mulherzinha?(...) Quanto machismos!!! Essa é nossa realidade, na família, na sociedade existem muitos tabus e preconceitos, fazendo grandes diferenças entre homens e mulheres. Apesar do preconceito e das diferenças, nós mulheres nos superamos de cabeça erguida e conseguimos vencer, quebramos tabus(...) É puro preconceito e machismo dizer que a mulher é menos capaz que o homem!!”(Moura, 2004: 03)

As reflexões acerca da dominação de gênero promovidas pela ONG e incorporadas nos discursos dos jornalistas estudantis são de valia incomensurável para a formação das novas gerações moradoras de um estado extremamente machista, como é o caso do Ceará. As declarações da adolescente parecem denotar um relativo empoderamento e descoleção com respeito à temática da não submissão à dominação masculina e à forma pejorativa e rebaixada como se costuma referir à *mulherzinha*. Contudo o relato se trai logo em seguida quando a estudante reafirma alguns valores conservadores do papel da mulher como mãe e o mito do amor materno: “a mãe é responsável pelos filhos em diversos lugares como por exemplo: em casa, escola, na igreja e etc. (...) é a responsável em dar amor e carinho à família”. (Moura, 2004: 03)

Este trecho da reportagem confirma a nossa afirmação de que são as diversas vivências religiosas, escolares, de organização política, midiáticas que potencializarão a formulação de um consenso provisório acerca dos significados sociais vinculados nos jornais. Não é exclusivamente nem a ONG, nem a igreja, nem a TV, nem o movimento social que incute este sentido na subjetividade do redator estudantil, mas a disputa de significados entre todas estas mediações.

Em outro jornal percebemos a diferença no teor da mesma abordagem quando é trabalhada por uma adolescente engajada em outras mediações, no caso: o cotidiano da militância em movimento social e partidário. A estudante do jornal TANAKARA discorre:

“Sabemos que cientificamente o homem não é melhor que a mulher ou o contrário, também sabemos que a maior diferença entre os sexos são as oportunidades

estabelecidas pela sociedade atualmente machista (...) A mulher durante séculos esteve às margens da família, da religião e da sociedade.” (Meneses, 2004: 02).

Até aqui a abordagem permaneceu relativamente igual ao começo da abordagem da estudante do GHAMPH, entretanto este artigo caminha por outras searas que a estudante anterior não atingiu: a discussão dos direitos sexuais e reprodutivos, como o Direito ao Corpo. Sobre o assunto a jornalista do TANAKARA continua:

“Na religião elas [as mulheres] são submetidas a conceitos arcaicos, tal como casar virgem. O direito que querem nos dar é a obrigação de satisfazer apenas um homem durante a vida. De forma alguma queremos nos sobrepor, pois deixamos bem claro, feminismo não é machismo. Queremos a igualdade já que todos somos iguais. Diferenciados apenas pelo fator biológico” (Meneses, 2004: 02)

Aqui presenciamos a discussão do direito à igualdade e às diferenças como direitos culturais. São os chamados direitos de quarta geração ou ainda direito à diversidade cultural e se quisermos relacionar ao artigo: o direito à descoleção . Porém esta diversidade não deve ser vista como uma justaposição pluralista de idéias, como vem ocorrendo ultimamente. Segundo Bernard o diverso é na atualidade tratado como o “amável, simpático, mas não diz muito”(2005: 74). De costas para esta percepção se encontram as noções da maioria dos adolescentes produtores de mídia alternativa como produtores também de um espaço dentro da escola onde o conflito é legítimo e público. Estão pois em sintonia com a retomada que Bernard faz acerca da raiz etimológica do conceito de diversidade, *Diversus*. Para o Francês:

“seu significado [radical] é majoritariamente o de oposto, divergente, contraditório, diferente no sentido ativo, e não o que predomina atualmente, o de “variedade” e até mesmo, de “multiplo”(...) torna-se importante reatualizar essa etimologia de um *diversus* que não é constatação, mas um movimento que advém da luta, mais do que uma espécie de constatação amável” (2005: 75)

Esta postura se radicaliza quando os alunos assumem no jornal o compromisso de respeito às diferenças e às igualdades tematizando não só assuntos que promovem uma reflexão mas publicizando atitudes discriminatórias ocorridas dentro ou fora da escola, com é o caso por exemplo do fenômeno do *Bullying*⁴.

Os jornais estudantis parecem ser um fenômeno que precisa ser estudado a partir de seus autores e suas realidades específicas. Eles estão longe de aceitarem passivamente as velhas coleções que dividiam as gavetas do erudito, popular e massivo.

⁴ O “Bullying” é um fenômeno típico da intolerância gratuita. Nele determinados adolescentes são perseguidos e atormentados por seus colegas dentro e fora da escola sem motivo aparente. Geralmente os perseguidos são indivíduos que não correspondem aos “padrões” culturais e estéticos hegemônicos na cultura adolescente colecionada (a cultura *Teen*). A temática sempre foi tão secundarizada que nem possui termo equivalente para o português. A tradução do termo original em língua inglesa, seria “o atormentador”. Na escola brasileira, bem como nas do resto do mundo a temática sempre foi negligenciada pelos educadores, talvez pelo despreparo, desconhecimento do intenso sofrimento psíquico causado ou pela minimização do problema. O assunto foi pauta de jornais estudantis após sensibilização promovida pela ONG Comunicação e Cultura.

Da mesma forma que renegam a separação entre som, imagem e texto. Questionam igualmente (com maior ou menor êxito) as gavetas das culturas disciplinares que dividem os seres sociais entre normais e anormais. Ao mesmo tempo em que rejeitam, re-elaboram, ou incorporam as novas coleções de comportamento propostas pelo mercado. Contraditoriamente descolecionam culturas de forma militante e desconectam sentidos sociais e históricos. Todas estas mutações e contradições parecem tornar atual a afirmação de Edgar Morin quando disse em meados dos anos 1960 que “A adolescência é o fermento vivo da cultura(...): isto é, ao mesmo tempo, caldo da cultura e caldo caseiro que alimenta e dilui esse fermento”(1997: 157).

Como tentamos demonstrar no decorrer de nossa abordagem a adolescência caminha longe de um centro organizador, de um “novo príncipe”. Mesmo aquela socialmente engajada em projetos político-culturais, como é o caso do Projeto Clube do Jornal, está distante em sua maioria das modernas estruturas de congregação política. Mesmo assim o jornal estudantil parece tencionar a efetivação, a partir de todas as configurações contemporâneas, daquela assertiva gramsciana de que a escola deve formar um jovem como uma “pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou controlar quem dirige”(Gramsci, 1979: 139). Ainda que esta direção e o controle social de quem dirige sejam hoje distintos dos mecanismo da época do pensador italiano.

Bibliografia:

ALVARES, C. **A TV não é sua consciência!!!** In Informativo GHAMPH . nº 13 Fortaleza: Comunicação e cultura, setembro/ 2004.

ÂNGELO, V. **Fundamento pão-com-ovo.** In Revista Júnior. Nº 2. São Paulo: Sapucaia, nov/2007.

ARENDT, H. **A condição humana.** 10ª ed. Rio e janeiro: Forense Universitária, 2001.

BERNARD, F. **Por uma redefinição do conceito de diversidade cultural** in BRANT. L. Diversidade cultural, globalização e culturas locais. São Paulo: Escritores Editora/ Instituto Pensante, 2005.

FISHER, R. **Mídia e produção de sentidos: a adolescência em discurso.** in SILVA, H.(Org) A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópoles: Vozes, 1998.

CANCLINI, N. **Diferentes desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

_____. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

- CIA, Marcelo. **Santíssima tríade**: Barcelona, Ibiza e Sitger formam o triângulo mais gay e animado do mediterrâneo. In Revista Júnior. Nº 2. São Paulo: Sapucaia, nov/2007.
- FIELDING, H. **O diário de Bridget Jones**. 24ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. **Os intelectuais e a organização da cultura**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MCLUHAN, H. **McLuhan por McLuhan**: entrevista e conferências do profeta da globalização. Rio e Janeiro: Ediouro, 2005.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5ª ed. Rio e Janeiro: UFRJ, 2008.
- MCGUIGAN, J. **Culture and public sphere**. New York: Routledge, s/d.
- MENEZES, E. **Feminismo não é machismo**. In TANAKARA nº 21 Fortaleza: Comunicação e cultura, maio/ 2004.
- MOURA, C. **Preconceito e tabus na família**. In Informativo GHAMPH . nº 14 Fortaleza: Comunicação e cultura, dezembro/ 2004.
- MORIN, E. **Cultura de massa no século XX**: neurose. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1997.
- NASCIMENTO, J. **Neonarcisismo**. In Revista Júnior. Nº 2. São Paulo: Sapucaia, nov/2007.